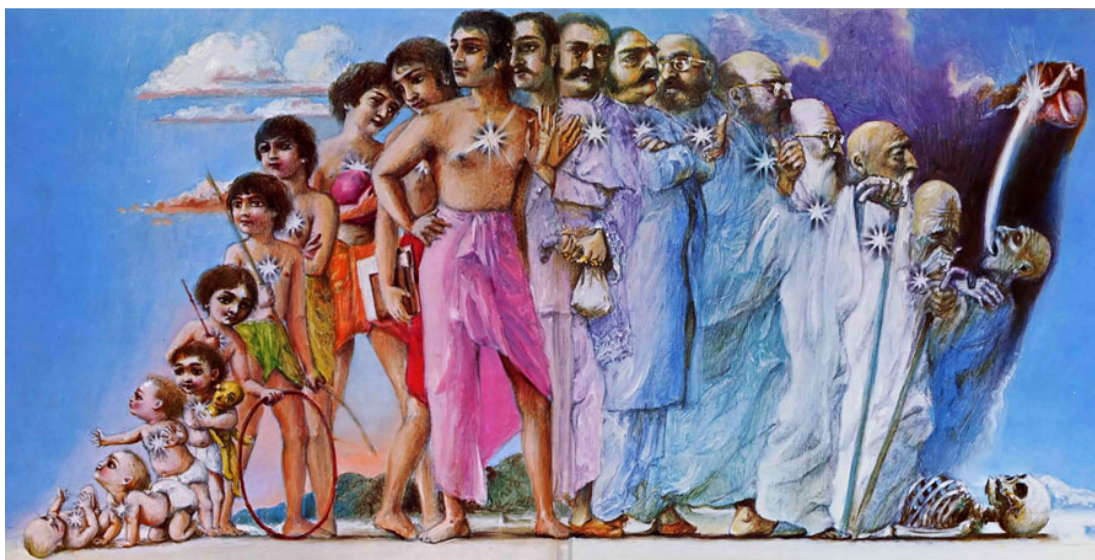


O ritmo dinâmico entre setênios e nonênios

Josef David Yaari



O contínuo exercício de vivência das diversas dinâmicas possíveis entre os setênios e os três triênios de cada fase, amplia em muito a compreensão e resolução dos desafios que cada biografia nos propõe. E podemos apreender com cada biografia as leis inerentes e os aspectos característicos de cada fase da vida, entendendo que essas elaborações de setênios e nonênios representam simbolizações eficazes de possíveis campos integrados de ordenação, entre muitos outros.

Estaremos a seguir descrevendo muito mais dos setênios por serem estes muito mais generalizados e inseridos na dinâmica dos nonênios, lembrando assim que cada pessoa revela sua forma única de expressão.

Pois normalmente os estudos biográficos se concentram na descrição e estudo dos setênios. É uma antiga tradição oriental que acabou sendo assimilada pela cultura grega na qual, de fato, as fases da vida foram divididas de sete em sete anos, iniciando-se pela infância (0 a 7 anos), passando pela juventude (7 a 14 anos) e chegando à adolescência e seu desenvolvimento (14 a 21 anos) para que a pessoa pudesse ser considerada “maior de idade” ou responsável por si mesma. E essa visão das fases da vida se mantém até hoje na ordenação jurídica em todos os países.

Mas o estudo dos setênios continua depois dos 21 anos. Pois após a “maioridade” jurídica ocorrem outros motivos típicos das pessoas com 28, 35, 42, 49, 56, 63... anos de idade. Cada fase tem aspectos muito diferentes e podem então facilitar a compreensão das escolhas e mobilizações que são feitas. Essa compreensão, logo de início, nos faz entender que um “contrato” feito aos 20 anos, como, por exemplo, um casamento, tem motivos e aspectos muito diferentes aos 40 anos!

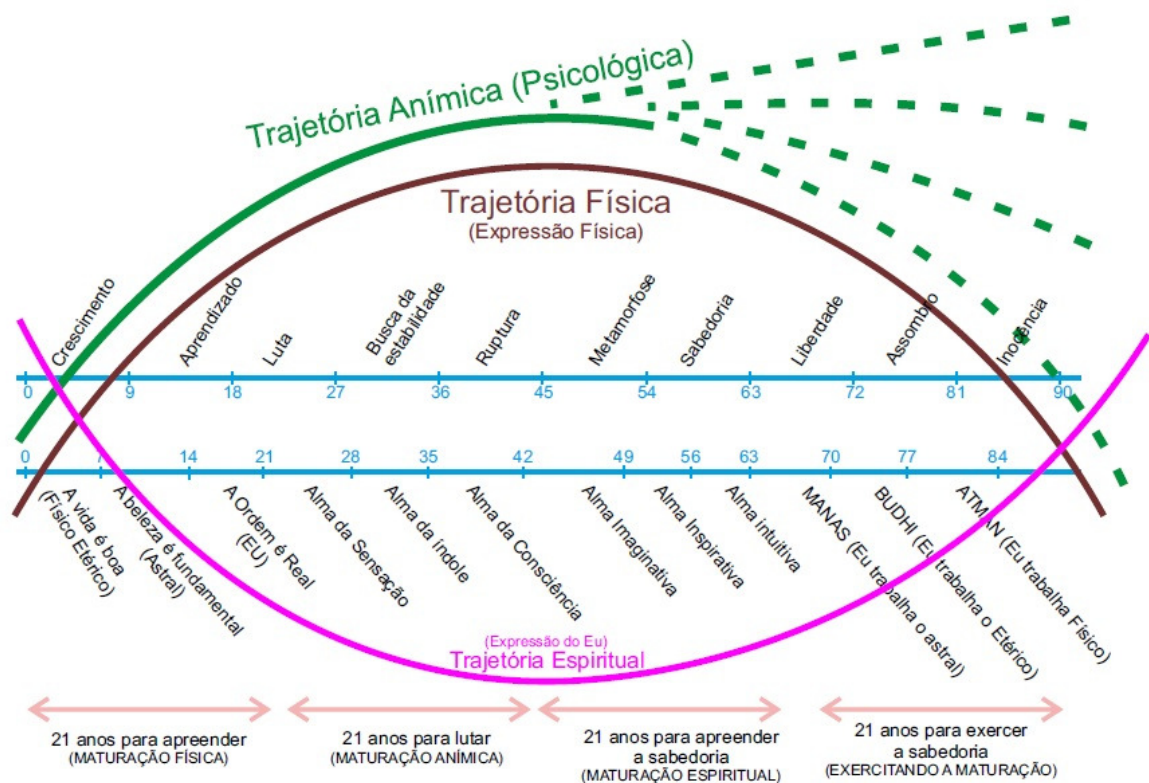
E compreender isso, nos obriga a reconsiderar regularmente nossos compromissos, acordos, contratos e celebrações que não podem se manter na mesmice e num cotidiano que empobrece as possibilidades de expressão de nossa individualidade.

Estudando e trabalhando com os Seminários Biográficos, fui descobrindo que os setênios estavam inseridos no ritmo mais amplo que se demonstrou por períodos de nove anos. Fui assim

levado a elaborar o ritmo dos nonênios que se mostrou uma ferramenta muito eficaz para a compreensão das leis biográficas, ainda mais por percebermos mudanças significativas a cada triênio (Três triênios completam um nonênio).

Assim é bem conhecido o primeiro acordar para si mesmo em torno dos 3 anos de idade, a nova redescoberta de si aos 6 anos e o sentimento de estar só consigo mesmo aos 9 anos. Esses processo tem sua evolução bem interessante até os 90 anos de idade. E os espelhamentos entre as fases podem ser observados até no espelhamento dos números: De 0 a 9 anos (período da ingenuidade) se espelham os 90 anos (período da inocência); 9 a 18 anos (período do aprendizado) espelham os 72 a 81 (período do assombro), 18 a 27 anos (período da luta) espelham os 63 a 72 (período do exercício da liberdade)...

Dessa forma o trabalho da Pedagogia Clínica Biográfica se expressa de uma forma dinâmica que parte da observação dos nonênios na história de vida das pessoas, acompanhando seus processos com o ritmo dos setênios. Esta prática tem ampliado em muito os Seminários Biográficos, até porque estabelece assim uma nova psicologia do desenvolvimento.



Assim, acompanhando este quadro, podemos descrever primeiramente os nonênios com as seguintes observações, ficando desde já claro que estamos aqui descrevendo os períodos com o que pode ocorrer de positivo, como proveito otimizado das fases da vida:

0 a 9 anos: Período do crescimento

O indivíduo estabelece sua base física e adaptação de sua estrutura física como instrumento da realização de seu destino;

9 aos 18 anos: Período do aprendizado

Inicia-se o exercício da estrutura adquirida e a formação fundamental da expressão psicológica;

18 a 27 anos: Período de luta

A pessoa experimenta o mundo interno e externo por meio de várias atividades diferentes no trabalho, na vida afetiva e em seus contatos sociais, com todo cabedal elaborado nos dois períodos anteriores;

27 aos 36 anos: Busca da estabilidade

Agora se torna urgente a relação do indivíduo com o mundo em seus aspectos físicos, psicológicos e espirituais por meio da clara escolha profissional, afetiva e social. Todos nesta idade buscam planejar toda sua vida de uma forma própria de se colocar no mundo. É o período em que, geralmente, as pessoas trabalham mais do que em outras fases da vida;

36 aos 45 anos: Período das rupturas

Sentimento de urgência. As “máscaras” elaboradas como colunas mestras na conquista da estabilidade precisam ser superadas pela urgência da busca do si mesmo. As armaduras precisam ser substituídas por roupagens mais confortáveis que possam proporcionar maior mobilidade para tudo que agora precisa ser feito;

45 aos 54 anos: Metamorfoses

O indivíduo, agora, reúne o que restou das rupturas, elabora novas formas e busca em si mesmo a força para a reelaboração de seu caminho de vida. A ternura pode ser assumida e é, sem dúvida, a guia para o caminho maior;

54 a 63 anos: Aprendizado da Sabedoria

Agora chega o momento em que se reconhece o valor de se sagrar, celebrar cada ato, cada momento, como comemoração de se ter superado e feito a passagem pelos diversos limiares na lapidação do ser;

63 aos 72 anos: Exercício da Liberdade

O indivíduo sente que pode viver sem as grandes pressões do cotidiano de todos e pode, então, dedicar-se a algo completamente diferente, novo, com a liberdade de compreender a vida de muitos modos diferentes;

72 a 81 anos: A experiência diária com o Assombro

Chega esta fase na qual se percebe que todas as explicações são formas redutoras da realidade. O sentimento e a percepção é que tudo é muito mais amplo, tudo é muito mais. Vive-se o espanto e o assombro pela magnitude da vida.

81 a 90 anos: A experiência da Inocência

Compreendo a vida como o caminho que se faz partindo da ingenuidade para a descoberta da inocência. Quando trabalhei com pessoas que estavam nessa fase, me chamou atenção exatamente isso: Estas pessoas sabiam das maldades e das espertezas, mas buscavam se manter acima e cultivar a bondade e o amor.

Fica óbvio que quando estas expectativas otimizadas não ocorrem, a pessoa vive algo que está entre estas e o polo oposto, ou seja, pode não haver o crescimento esperado, o aprendizado equivocados, a luta mórbida, a falsa estabilidade, a ruptura apenas aparente e assim por diante.

O ritmo dos nonênios pode ser estudado pelo acompanhamento dos triênios, ou seja, em cada nonênio há três triênios que ajudam a compreender com maiores detalhes as possibilidades de conquistas ou questionamentos vividos.

Este ritmo mais amplo dos nonênios, contem em si o ritmo dos setênios que, como dissemos acima, nos remete a uma tradição oriental de mais de cinco mil anos, sendo estabelecida até como ordem jurídica na Grécia. Assim, até hoje, a pessoa é considerada plenamente responsável por seus atos a partir de seus 21 anos de idade.

Então, em relação ao estudo dos setênios, retomei como base um texto que escrevi e que está publicado em meu livro “Psicologia da Metamorfose” editado em 1989 pela Hermes Editora.

Embora muito questionável, a sabedoria popular afirma que “nós adultos, a cada sete anos, somos acometidos de “comichão” e “formigamento”. Apesar de ser uma caracterização simplória, existem muitos fatos, estatísticas e relatos que vem confirmar esse ritmo. Assim estudos de Charlotte Bühler, Marta Moers, A. Guardini, Bernard Lievegoed, Rudolf Treichler e outros, vêm corroborar as diferentes pesquisas que ainda receberam sólidos fundamentos através da obra de Rudolf Steiner. Este fala dos “nascimentos” que ocorrem de sete em sete anos, em média, dando essenciais subsídios para a elaboração da pedagogia e da medicina, como ampliações da “arte de educar”.

A maioria das pessoas conhece, de maneira superficial, as motivações típicas da infância, da adolescência e da puberdade, mas mal ouviu falar dos questionamentos e alegrias observadas aos 40, 50 ou 60 anos de idade.

Gail Sheehy, autora de um “bestseller” sobre as fases da vida, diz: “o nosso sistema vital interior desenvolve persistentemente um ritmo próprio. (...) e há variados conhecimentos estatísticos a respeito do ritmo setenial “.

Adolf Portmann, assessorado por vários estudiosos fala do “nascimento fisiológico prematuro do ser humano”. Para ele aos 12 a 18 meses de vida extrauterina, seria a época ótima do nascimento humano, se o homem apenas fosse um mamífero. Acontece que todo nosso comportamento entre os primatas, contraria a sequência natural.

A concepção e a vida intrauterina, já bastante estudadas, guardam ainda muitos segredos: Por que nosso corpo se mantém em forma embrionária?

A resposta a esta questão é o leitmotiv deste livro: Nosso corpo quando nasce não tem nenhuma estrutura especializada. Tudo está por ser feito! Por isso falamos que quando um bebê nasce, temos diante de nós, como expressão material, a base física que só atinge a maturidade em torno dos 21 anos de idade.